

Questão externa agora é a mais importante, diz Serra

Brasília — O economista José Serra, eleito deputado pelo PMDB de São Paulo, revelou, após audiência com o presidente José Sarney que tanto as autoridades econômicas do governo como a direção do partido pretendem reduzir à metade o pagamento do serviço da dívida que hoje é de 10 bilhões de dólares por ano. “A questão externa é o ponto chave crucial, para que o Brasil mantenha o crescimento de sua produção e do nível de emprego”, observou.

Segundo ele, o país não tem condições de continuar mandando para o exterior, como pagamento de juros, algo em torno de 4% do Produto Interno Bruto (PIB). “Esta remessa compromete a capacidade de investimentos do país a médio e longos prazos. É muito difícil compatibilizar o crescimento de 7% que o Brasil necessita com a remessa de poupança dessa ordem para o exterior”, afirmou o ex-secretário de Planejamento de São Paulo e um dos responsáveis pelo programa econômico do presidente Tancredo Neves.

Brasil sem milagres

Antes de encontrar-se com o presidente, Serra conversou na antesala do gabinete presidencial com os ministros da Fazenda, Dílson Funaro, e do Planejamento, João Sayad. “Esta minha audiência estava marcada para a semana passada, mas em

função das eleições, ela foi transferida para hoje. Tudo o mais é pura coincidência”, disse Serra, ao ser indagado sobre os boatos da demissão de Funaro. “Não ouvi isso de ninguém da área governamental”.

Ele afirmou que sua conversa com Sarney foi “muito rápida” porque ele já estava atrasado para a missa de Ação de Graças na catedral de Brasília. “Apenas entreguei ao presidente meu livro **O Brasil sem milagres** e fizemos uma breve análise da eleição em São Paulo”. Serra foi recebido pelo presidente às 17h10min, mas, por precaução, chegou ao Palácio do Planalto às 13h45min, “por causa dessa maldita passeata”, disse referindo-se às manifestações contra as medidas econômicas do governo.

Ele definiu como “fortes”, tais medidas econômicas, mas disse que foram necessárias para que o governo pudesse enfrentar os problemas de demanda, defasagem de alguns preços e dívida externa. “São medidas fortes, mas a sociedade terá, ainda, de avaliá-las melhor. Temos um problema sério da dívida externa e o ideal para nós seria, uma solução negociada. Por enquanto, a única decisão unilateral que o Brasil deve tomar é manter o crescimento da produção e do emprego”, afirmou.